

CRENÇA & LETRAS

REVISTA MENSAL

DIRECTOR

3.º Antonio Hermano

PROFESSOR DO COLLEGIO DE S. DÁMASO



SUMMARIO

A religião na educação	<i>P.º A. Hermano</i>
A tentação.....	<i>P.º Henrique Gomes</i>
Stella matutina (poesia).....	<i>A. Moreira Bello</i>
Exercicios espirituaes ao clero no seminário do Porto.....	<i>Um exercitante</i>
Salvation Army.....	<i>B. Almeida</i>
Monumento a Pio IX na Penha.....	<i>B. Almeida</i>
O convento da Costa.....	<i>P.º Antonio Hermano</i>

As opiniões sustentadas nos artigos insertos na «Crença & Letras» são da responsabilidade de quem os assigna. Os originaes devem estar na redacção até ao dia 20 de cada mez.

Assignatura.—Anno 600 reis.—N.º avulso 100 reis.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

COLLEGIO DE S. DAMASO—GUIMARÃES

AOS SRS. ASSIGNANTES

Pedimos aos srs. assignantes o favor de satisfazerem a importancia de suas assignaturas por meio de vales ou notas ou como melhor entenderem, pois a cobrança pelo correio fica excessivamente dispendiosa.

BOLETIM DO COLLEGIO DE S. DAMASO

O edificio e o local do collegio

O edificio do collegio levanta-se gahardamente a meio da da encosta do monte da Penha—a pittoresca Cintra de Guimarães — Emmoldura-o um cingulo esmeraldino de copado arvoredo opulento. Era um formoso e rico convento dos monges de S. Jeronymo. Formoso ainda hoje o é: vasta fachada revestida de elegantes molduras; claustro com sua columnata jonica e chafariz farto d'agua excellente; amplos salões hoje accommodados ás varias repartições do collegio; cellas espaçosas; grandes corredores ricamente apamelados e azulejados.

Ao lado do convento, o tempo magnifico. Frontaria soberbamente rica; rica a ponto de prejudicar a magestade e o bom gosto. O interior é bello. Ha ali bastante que admirar desde a fabrica do orgão sustentada pelas classicas figuras mythologicas, até á talha e quadros da sacristia, vasta e primorosa como poucas.

Sessenta annos d'um abandono relativo poderam pouco contra a solidez do convento. Hoje está bem restaurado e admiravelmente adaptado ás exigencias d'um bom collegio.

O local é afamado pela sua salubridade. Satisfaz por completo ás mais strictas exigencias da hygiene. Tres annos de vida que o collegio já conta, e sempre com uma população numerosa, tem sido uma boa demonstração pratica, de quanto é merecida e justa essa reputação de salubridade.

A.

A localisação salubre é uma das primeiras condições d'um collegio, por isso mesmo que a saude dos educandos e o seu desenvolvimento physico é a base da educação, quer litteraria, quer moral e religiosa.

Corpo docente para o anno lectivo de 1893 a 1894

Por motivos superiores é sua e nossa vontade, alguns dos illustrados profes-

sores que no anno lectivo findo nos presteram o valioso auxilio da sua dedicacão e dos seus serviços, seguiram o rumo novo que as circumstancias lhes determinaram. Não os esquecerá o collegio de S. Damaso, antes lhes votará sempre uma sincera gratidão e lhes marcará lugar d'honra entre os que melhor lhe merecem o nome de amigos.

Outros virão recolher a missão legada por aquelles e temos fé que a desempenharão tambem com pericia e dedicacão; não deixam prever outra coisa as qualidades que os abonam.

Pouco mais ou menos ficará assim organísado o quadro docente:

Professores	Aulas
P. ^o Guilherme Peixoto.....	P. ^{as} letras
P. ^o Firmino A. da S. ^a Bravo	I. Primaria
P. ^o Harmano Amandio	
P. ^o A. Henrique Gomes.....	Portuguez
P. ^o Manuel J. Rodrigues de Castro	Francez
Dr. Montenegro Carneiro	
P. ^o Hermano Amandio.....	Geographia
P. ^o Antonio Hermano.....	Inglez
P. ^o Henrique Gomes.....	Historia
P. ^o Antonio Hermano	Latim
Aureliano Tavares	
P. ^o Firmino Freitas.....	Phisica
P. ^o Domingos Dias de Faria.	Mathemat.
Dr. Montenegro Carneiro....	Philosoph.
P. ^o Firmino Freitas.....	Desenho
Manoel Maria Martinó.....	Musica
P. ^o Antonio Hermano	Educação
Dr. Montenegro Carneiro	
P. ^o M. J. Rodrigues de Castro	

A boa organisação litteraria e disciplinar d'um collegio exige que os professores sejam internos e não accumulem com o mister de educadores outras occupações ou cargos que lhes absorvam os cuidados, minguem o zelo e impeçam a assiduidade.

Excerpto d'um regulamento

No regulamento dos professores do collegio de S. Damaso e no capitulo epigraphado—*Aulas* — encontram-se entre outras as seguintes disposições:

O Prefeito dos estudos visitará de vez em quando as differentes aulas para julgar directamente do adiantamento dos alumnos.

O systema de prelecções elegantes é de-testavel em preparatorios. Perguntas muito simples, muito claras e pacientemente repetidas, é o methoito mais efficaç.

Não se deve abandonar nenhum alumno por mais cabula ou inhabil que seja.

E' muito util chamar os alumnos á lição muitas vezes e mesmo todos os dias, se fór possivel.

As lições e as respostas devem ser dadas em linguagem correcta, voz clara e com modos polidos.

Todos os sabbados á noite os professores entregarão as notas semanaes ao Prefeito dos estudos.

Entradas

Tem havido avultada concorrência de alumnos. E' uma prova de bom nome que o collegio tem.

Annuncios

Temos notado que, a pezar de tudo, n'essa especie de concurso ao favor publico, que os collegios fazem por meio annuncios nos jornaes, nenhum apresentou melhores provas do que este, nem mesmo eguaes.

Estrada

Torna-se uma verdadeira necessidade publica a estrada para a *Costa*. Os motivos são tão reconhecidos por toda a população da cidade, que é inutil fazer aqui o estendal d'elles. Sabemos que os

cofes do Municipio não nadam em dinheiro, mas tambem sabemos que não estão de tal modo exhaustos que não possam valer a uma necessidade como esta. A' Ex.^{ma} Vereação Municipal que todos reconhecem como exemplarmente zeladora dos interesses do Municipio, pedimos que lance para aqui olhos de ver. Não pedimos uma inutilidade.

Relatorio da Associação de S. Luiz

(Continuação)

A imagem

Aquirir uma imagem do nosso santo Patrono, que podesse, sem quebra do decoro religioso, expor-se á veneração publica, era a nossa principal e mais intima aspiração.

Parece que não subiriamos pela ultima vez com satisfação a este logar, se não conseguissimos aquelle nosso *desideratum*.

Artista tinhamol-o nós e bom na pessoa de um dos melhores esculptores da cidade do Porto, que generosa e confiadamente tratou connosco a esculptura de S. Luiz Gonzaga, que se não é um primor artistico, é contudo uma das mais feitas imagens de S. Luiz que temos visto. Aquella expressão do rosto affigura-se-nos tão natural e tão em harmonia com o angelico rosto de Luiz de Gonzaga, que nos confessamos satisfeitos com a bella execução da obra.

A imagem ficou-nos por reis 48\$000, quantia diminuta para o valor da obra, mas realmente excessiva para as nossas receitas. Como cobrir aquella despesa a qual havia sómente a receita de 25\$805 reis?... Todos o sabeis, porque todos concorrastes para o magnifico resultado do hazar leilão das prendas generosamente offerecidas pela digna Direcção d'este collegio e por alguns socios. Graças áquella e a estes, conseguimos deixar uma memoria indelevel (perdoai-nos a vaidade) da nossa passagem por esta Associação. E já que fallamos da imagem, não fica mal referirmo-nos aqui ao fim espirital da Associação, e vêr se elle foi attingido.

Infelizmente, força é confessal-o, nun-

ca se attingiu apesar de tudo e de todos. E não foi isso devido ás fracas disposições dos senhores associados. Estas não podiam ser melhores e assim foi que, no dia de S. José quasi todos os socios grandes se approximaram da sagrada mesa. Sirva-nos isso de lenitivo.

Muito nos apraz ver na nova mesa um dos mais strenuos propugnadores do progresso religioso d'esta Associação, o Reverendo P.^o Hermano Amandio. D'elle e dos seus collegas esperamos tudo o que a nossa boa vontade não pode conseguir !

A FESTA !

Senhores associados:

Um grande ponto de admiração era a melhor descripção que podiamos fazer, de tão pomposa festividade como a que realisamos em honra do nosso padroeiro, no dia 28 de maio.

Não temos intenção de descrever a festa nem o triduo que a procedeu. Os periodicos de varias localidades encarregaram-se levar ao longe e ao perto a fama bem merecida d'aquellas solemnes festas. Assumiram por força das cousas uma pompa, tanto dentro como fóra do templo, que nós nunca esperamos.

Assim foi que tinhamos feito um orçamento para uma festa decente mas modesta e ainda alimentamos a esperança de deixar aos nossos successores um saldo em cofre se bem que deminuto.

Em face das exigencias de tão grande solemnidade, tivemos que augmentar a todas as verbas do orçamento geral chegando algumas a duplicar. Em vez de saldo, vemo-nos na dura necessidade de apresentar á nova mesa um deficit positivo de 98840 reis, como consta dos mapas adeante escriptos.

Muitas pessoas, quer da Associação, quer estranhas a ella, nos auxiliaram com valiosissimos servicos, já pessoas, já materiaes. Seja-nos licito mencionar entre outras a Ex.^{ma} Direcção d'este collegio, os Rev.^{mos} Srs. P.^{es} oradores—Luiz Gonsaga Barbosa—, Joaquim Machado—, Julio C. da Costa Maia—, Hermano Amandio—, A. Henrique Gomes— o habil regente da musica sur. Manoel Maria Martinó, o Rev.^{mo} P.^o Amandio, José Ferreira Leite, José J. Ribeiro Barbosa, Joaquim Hermano, José R. Guimarães, Luiz Araujo e ainda outros que muito e muito contribuíram para o brilhante exito da nossa festa.

A todos estes cavalheiros e aos da cidade de Guimarães, que da melhor vontade cederam pratas, jarras e mandaram flores, o nosso mais profundo respeito acompanhado do nosso eterno agradecimento.

A todos, principalmente áquelles a quem não chegou o nosso agradecimento, aqui o deixamos bem registado e lhes beijamos as mãos reconhecidos.

Apraz-nos ainda deixar aqui gravados os nomes dos Ex.^{mos} Srs. P.^{es} Director, Firmino Bravo—, Firmino Freitas—, José Freire d'Oliveira—, não esquecendo o Reverendo Abade de Cudeços, Bento Bravo, os quaes todos e da melhor vontade assistiram aos actos do culto durante os quatro dias da festa.

Aos nossos bemfeitores estranhos á Associação agradecemos officialmente. E foram entre outros. as Ex.^{mas} Sur.^{as} Condessa de Villa-Pouca, D. Maria Arminda do Amaral, D. Maria d'Oliveira Peixoto, e aos Ex.^{mos} Srs. commandante d'infantaria 20, Presidente da camara, João Gonçalves, das Tappas. Francisco Barbosa, d'Estarreja, Antonio Ferreira Ramos, Antonio José Ribeiro, Cunha Mendes, Agostinho Magalhães, Procurador Ferreira, etc., etc.

(Continua.)

AVISO

A entrada geral é no dia 2 de outubro e a abertura das aulas é no dia 3. Pedimos ás Ex.^{mas} familias a possível regularidade.

A DIRECÇÃO.

A RELIGIÃO NA EDUCAÇÃO

Todos querem que a educação seja religiosa, todos querem que os immaculados espiritos juvenis cresçam e se enrijem ao calor de solidos principios religiosos; todos, mesmo aquelles em cujo coração glacido feneceu a flôr da crença.

E com sobrados motivos o querem.

A creança sem Deus na alma incipiente é vento a converter-se em rajada é rajada, a fazer-se vendaval, é vendaval a desencadear-se em procellas temerosas como a ruína. Rompe-lhe do coração a febre do prazer que breve a arroja aos braços descarnados da desgraça; nascem-lhe no cerebro soberbo audacias ineditas fanalisadas pelo mais barbaro egoismo. E' o genio typico da devastação.

E quem havia de embargar-lhe o passo, á creança descrente?

Nada! Nem a voz debil da honra que não lograria resistir ás energias poderosas e avassalantes do mal; nem as consequencias perniciosas em que a juventude inexperta não crê senão no momento fatal em que os seus tresloucamentos a resvalam ignobilmente á barbacan do tumulto; nem as considerações sociaes, frageis anteparos que não conseguem desviar-la da esteira do prazer em que docemente voga: nada resiste: tudo se dobra, tudo se aniquila, ante o tufão que passa.

Exemplos, temo-los ahí na mocidade de muitas das nossas escolas. E' frequente devisar-se-lhes nos labios o sorriso cynico do desdem pelas cousas mais sagradas, na conversa o calão dos dissolutos, no rosto livido e anemico a estampa fiel do vicio. Não admira: foram lançados ao desgarrro libertino da plena rua, em farta messe de exemplos dissolventes na idade mesma em que a alma desperta exige um recato de estufa e uma sollicitude que não cance.

No ceu, no firmamento d'uma crença evolada do imo coração é que a educação devia ter o seu vertice espendoro-

so; d'ahi, do alto, de Deus, da fé, é que lhe ha de vir toda a força, todo o vigor que informa as acções dos homens e as evoluções das sociedades.

*

Se quanto á necessidade da educação religiosa quasi se não ouve a discrepancia d'uma voz, quanto ao modo de a ministrar está longe de existir o accordo unisono, que seria a grande prova de se ter aventado á justa a efficaz formula da iniciação religiosa.

Julgando pelos dados que da experiencia tenho collido, em muitas das instituições que se gargantilham com o visto-rotulo de—casas de educação religiosa—, no ponto subjeito, labora-se n'um erro demasiadamente grave, para que possa callar-me e passar além, sem pôr corajosamente o dedo na ferida e sem gritar áquelles cujos hombros vergam sob o peso da missão de educadores: Senhores! eis uma das mais funestas raizes do mal!

Dá-se um valor excessivo á formula, e quasi se esquece a ideia e o sentimento. E esse disparatado predominio anesthesiante, mais se aggrava, mais se accentúa com uma longa repetição fatigante, que pode acaso interessar um espirito mystico, dado todo ás coisas de Deus, mas jamais o espirito impressionavel mas irreflectido das creanças. D'essa repetição ha de surgir inevitavelmente o tedio, o cansaço, o desdem e por fim a irreligião. O exercicio torna-se absolutamente machinal, a prece ôca de unção e de piedade e o espirito vagueia por campos vedados, perde-se... E' um germen de deserença! é quasi um sacrilegio!

E' um erro infelizmente muito generalisado, julgar-se que a verdadeira educação religiosa consiste essencialmente em submeter invariavelmente os educandos a umas certas praticas religiosas ou á recitação de determinadas orações.

Não, senhores educadores, a educação religiosa não é isso: as almas juvenis, vivas, ageis, irreflexiveis, volitantes como mariposas, não se captam d'essa forma, com repetições

tediosas, com formulas matelialisadas, cuja significação religiosa e moral não attingem.

Cautela! Não vá um zelo por certo bem intencionado, mas nada criterioso, nada adequado ás exigencias do torrão a que se destina, esterilizar a semente que lhe lançaes.

Sou portanto contra a educação religiosa baseada na formula secca e repettida até o aborrecimento, porque tal via leva em direitura á impiedade. Opto vivamente pela educação religiosa baseada solidamente na lição persiste do evangelho, no culto amoroso da ideia e do sentimento, na contemplação reflectida dos emocionantes quadros biblicos, nas practicas anedoeticas, no cultivo assiduo e methodico das grandes virtudes moraes e sociaes, que fazem do homem um ente querido de Deus e amado dos homens.

Esta sim, sulca fundo a alma do joven, embebe-lha nos graves sentimentos religiosos, illumina-a d'uma luz purissima e tão viva que tarde ou nunca se esvaece. Esta é a educação religiosa que forma crentes e sanctos, é a educação religiosa segundo o Evangelho, segundo Jesus, que ensinava por parabolias. A outra, a educação religiosa, formalista e anti-pedagogica, obediente á rotina cega e á opinião escrava, raro forma entes religiosos d'alma e coração, e d'uma honradez intemerata. Ensina a papaguear com notavel correcção o cathecismo, a formula; envernisa, lentejoula, brunc, mas não grava, não esculpe, não vae ao amago, ao intimo do espirito tenro; ara a superficie da gleba, o humus fertil fica de pouso; amima a hypocrisia—um dos mais perniciosos sestros da educação—habituando a creança a ser rotineira, sem reflexão, e a praticar actos escrupulosamente praxistas, mas a que, vezes innumeradas, não preside, nem corresponde a realidade do sentimento e da fé.

Não imagine porém o pio leitor que o meu pensar exclue o cathecismo: quero o cathecismo desde que a creança balbucia até que raciocina, mas o cathecismo sentido e entendido; quero a formula, a prece mas não a sua repetição machinal até o tedio; quero sobretudo que o educador religioso

se preocupe mais com a qualidade do que com a quantidade dos exercios a que subordina os educandos e que não se esqueça jamais de que se dirige a creanças.

P.º A. Hermano.

A TENTACÃO

(FRAGMENTO D'UM PANEGYRICO)

O mundo, entrajando as suas melhores galas, cobrindo-se com os mais preciosos ouropeis, dando-se os ares mais seductores, apresentou-se-lhe um dia, e disse-lhe: «Vem, lança-te em meus braços feitos de delicias, reclina-te em meu seio intumescido de voluptias, roja-te desvairada no torvelinho dos prazeres.

Olha o movimento que vae la fóra, escuta as rizadas argentinas dos felizes! Vê aquelle que se reclina em fofos coxins, repara n'este que se delicia na estonteante contemplação do oiro, que lhe repleta as arcas, alonga a vista por esse mar immenso de folguedos!

Tudo isso eu te dou.

Vem, porque eu tenho o condão de fazer-te feliz.

Vem, porque gosarás sem intermettencia e sem fastio!»
Assim lhe fallou o mundo.

E ella (Santa Luzia) como responderia? acceitou o convite? travou-lhe do braço, e deixou-se engolfar no marulho dos prazeres? Não.

Viu ao longe, no Calvario, o Christo pendente da cruz, com os braços estendidos para ella, com as chagas ainda a gottearem sangue, valorisou-se, e respondeu-lhe: «Vae, traidor, não me polluas com os miasmas que porejas, não tentes arrastar-me ao cairel do abysmo e despenhar-me na voragem.

Aqui dentro palpita um coração, mas só por Jesus, aqui dentro lateja e pensa um cerebro, mas só por Jesus.

Desprezo as delicias que me offertas, não me enlevam

os teus feitiços, não quero revoltear na espiral dos teus prazeres, porque tudo isso é fementido, porque seguir-te é tombar no abysmo da eterna desgraça. Mentos, quando chamas felizes aos teus admiradores!

Não lhes examines o rosto que engana e illude; sonda-lhes o coração e ali verás chagas dolorosissimas.

Quantas vezes nas faces scintilla a alegria e na alma remorde a dor!

Quantas vezes, na solidão, longe do bulicio, o coração se dilue em lagrimas que a sociedade malsina!

Mentos, dizendo que me farás feliz!

As taças em que ministras a ambrosia dos teus prazeres têm no fundo o veneno que gangrena.

Os teus prazeres calcinam como o ferro candente, laceram como o bisturi, exasperam como a púa que se enterra nas carnes.

Não vou porque seguir-te é trocar as rejubilações d'um viver summamente feliz pelas torturas d'uma vida cruciada.

Não vou, porque seguir-te é abandonar a luminosa esteirada verdade para trilhar a senda do erro, tapizada de abrolhos.

Não vou!»

E não foi, e conservou-se immaculada, e não roçou o manto da sua virgindade pela lama dos monturos, onde escabujam os que já não têm coração para amar a virtude.

P.º Henrique Gomes.

STELLA MATUTINA

Vivissimo fulgor da Divindade,
Olhos infermos, olhos peccadores,
Como ousaram fitar-te? Pôde-o Paulo,
Que do septimo ceo as maravilhas,
Por eminente santidade erguido,

Contemplou deslumbrado. Pôde-o aquelle
 Que, no seio do Verbo repousando,
 Alli bebeu amor em longos brustos,
 E a quem da eterna geração divina
 Foi dado devassar fundos arcanos.
 Suave aurora te tempere os raios;
 De matutina estrella a luz mais branda
 Prepare a vista nossa ao sol intenso,
 Ao supremo esplendor da face tua.

Sim, esse astro benigno e sorridente,
 Que attrae, ainda tremulos, os olhos,
 Que os dispõe, fortalece, apura e afoita
 A' visão d'essa Luz incomparavel,
 Existe, jubilemos: é Maria.

Es, ó Maria, o crepusculo
 Da radiante manhã;
 És o despontar dulcissimo
 Da luz serena e louçã.
 Tu do Paraizo esplendido
 És o myrto e a rosa em flôr;
 És a formosura mystica
 Do céu arrebatador (1).

És de fogo como perola
 Posta pela mão de Deus
 Na fronte do dia fulgido,
 Doce sciintilla dos ceos!
 Quanto te amo, astro benelico,
 De estrellas entre milhões
 A mais bella, raio limpido
 Dos infinitos clarões (2)!

És a aurora, a linha nitida
 Que suavemente conduz
 Da humana noite escurissima
 Ao dia da eterna luz;
 Refrigerio das angustias,
 Rio de gozo veraz,
 Fonte de misericordia,
 Rainha de amor e paz.

(1) S. Pedro Damião.

(2) P. Marie de Saint André.

Do Salvador aureo solio,
 Do oriente vivo clarão,
 Que illumina e aquece, provido,
 Dos santos o coração;
 Do Paraíso alva lucida,
 Porta ditosa dos céos,
 Virgem entre as virgens inclita,
 Salve, santa Mãe de Deus (3)!

Ó Mãe de misericordia,
 De graça throno gentil,
 De esplendor eterno lampada,
 Salve, Rainha, vezes mil!
 Maria, açucena candida,
 Radiosa estrella do mar,
 Sobre mim, peccador misero,
 Abaixa teu meigo olhar (4).

Parte ao condemnado os vinculos;
 Communica aos cegos luz;
 Via segura prepara-nos,
 Para que, vendo a Jesus,
 Possamos eterno jubilo
 Gosar no reino do ceo,
 E entoar perpetuo cantico
 A gloria do Filho teu (5).

Lisboa—1893.

A. Moreira Bello.

EXERCICIOS ESPIRITUAES AO CLERO

NO

SEMINARIO DO PORTO

Assim como estão tanto em voga na epocha actual, os exercicios militares, justo é, por maioria de razão, que os

(3) S. Bernardino.

(4) S. Bernardo.

(5) (raça) da Egreja.

exercícios espirituaes ao clero, que são o meio mais poderoso e eficaz, para o reformar e conter no seu posto de honra, na sua missão divina, tomem todo o incremento, se desenvolvam consideravelmente, se promovam entusiasticamente, se alastrem *urbi et orbi*. Hoje mais que nunca urge a defeza do bem, urge a lucta em prol da causa catholica, urge sustentar firme e heroicamente a crença e o character, e escorar possante e brilhantemente a moralidade e virtude. E' sobremodo desoladora a perspectiva que a sociedade apresenta! A humanidade illudida e indifferente desvaira-se, segue de roldão, e perfilha desnortçada, doutrinas perniciosas, que são assoalhadas descarada e vergonhosamente por toda a parte, apontando-lhe em vez do céu a terra, em vez da alma o corpo, em vez do código sublime de Jesus, o materialismo, o positivismo, o fatalismo, o indifferentismo e tantos outros systemas erroneos.

No meio d'esta calamidade social, d'esta crise moral, d'este esboroar de tudo e de todos, a reacção levanta-se airoosamente, a machina de guerra vae-se pondo a postos, um brado corajoso echoa animadamente, repercute se calorosamente.

Desde o dia 10 a 16 de setembro realisaram-se no Seminario Episcopal do Porto, os exercícios espirituaes ao clero, sendo conferentes os Snrs. Dr. Theophilo Salomão Coelho Vieira de Seabra e Monsenhor Luiz Augusto Rodrigues Vianna—dous luctadores imminentes, dous apóstolos virtuosos e sabios, a quem se deve a introdução de tão benefico e salutar melhoramento no dito Seminario. Excedia cincoenta o numero dos padres que espontaneamente foram assistir aos exercícios, entre os quaes cumpre mencionar os Snrs. Conego Monsenhor Silveira Borges, Dr. Joaquim Luiz d'Assumpção, Abbades do Bomfim, Cedofeita, Val-Pedre, Nevogilde, Lustosa, Santa Eulalia de Barrosas, Pena-Maior, P.^o Alvaro Correia (alumno de 5.^o anno de Theologia), P.^o Antonio J. Oliveira (ex-professor do Collegio de S. Damaso), P.^o José Francisco da Piedade, do Porto, etc.

E' que todos estes Rev.^{os} exercitantes compenetraram-

se de que nos exercicios são uma potencia contra todas as más paixões, retemperam suas forças, remedeiam e previnem muitas faltas, afervoram o seu zelo e fortalecem a união do clero.

Oxalá que no anno proximo haja ainda maior concorrencia. Ávante tão fructuoso apprehendimento!

Um exercitante.

SALVATION ARMY

Existe um norte-americano vulgarmente conhecido pelo nome de General Both por ser o chefe do *Salvation army*, exercito de salvação, que tem por missão principal a tarefa de salvar as almas.

É mais uma das muitas extravagancias typicas do genio inglez.

Nenhum ministerio da guerra lavrou o decreto de promoção ao ousado generalissimo que explora a primor o *sport* da salvação das almas; foi coisa ajustada lá em casa com a esposa, filhos, e mais parentes de quem fez o seu estado-maior.

Sob as bandeiras vermelhas do novissimo exercito, aggravadas com o escandaloso distico—*blood and fire*—militam ambos os sexos na mais sancta harmonia. Sob aquella atmospherica de sangue e fogo vêem se innocentissimas *ladies* que executam o seu papel com fino tacto: trabalham e pregam as illustres salvadoras, com um afan e um ardor de causar inveja aos proprios maridos. Desempenham mesmo *the best work* como a um publicista nosso confessou um dos membros da familia Both, e formam os esquadrões aguerridos das valentes «raparigas da Alleluia».

Exulte o genero-humano!

O quartel-general do mystico exercito é Londres—a terra classica do pauperismo e da miseria—. D'alli se disparge

pelo Reino-Unido, pela America do Norte e pelos paizes em que o protestantismo predomina. Na Europa Continental tem-lhes custado a assentar arraiaes aos salvadores das almas alheias e da propria bolsa. Ha tempos, o grande general-missionario levou o seu evangelho a Paris, ao coração mesmo da civilisação e arengou á gente franceza as suas nebulosidades mysticas, mas Paris — a libertina — gargalhou do visionario, e não fez maior caso da melopea do excentrico: parece que as cantatas de Both não tinham o attractivo irresistivel da voz de Orpheu. Ingratas gentes!

No *exercito* ha a considerar a exterioridade, a forma, o escandalo e o interior, a ideia, a mira.

A fórma é ultra-caricata, chega a ter ares de carnaval. Os soldados têm um garrido uniforme militar, arvoram espalhafatosos estandartes vermelhos, vam pelas ruas em procissões evangelicas ao som das trombetas e á chocalhada dos pandeiros e pelas povoações em carros-vagões como ciganos, com seus prégadores amestrados como charlatães, que abrem as arengas a canticos barbaros berrados a todo o pulmão. É uma cavallhada mystica!

Só de inglezes !

A ideia, o interior, o fim ostensivo, é, apesar de tudo, humanitario e altruista. Tem em vista crear *schelters*, cooperativas, sociedades em que os miseraveis mutuamente se amparem e ajudem e recebam *pari passu* uma tal ou qual instrucção religiosa que lhes dê ingresso no céu.

Arranca as mulheres á prostituição e aos homens afasta-os dos vicios e do *gin* das alfurjas, dando-lhes abrigo, protecção e trabalho.

Estatisticas numerosas e minuciosas mostram que Both com o seu espalhafatoso exercito-parodia tem feito um bem immenso a seus semelhantes sem deixar de o fazer tambem ao seu cofre. A *salvation Army* dá-lhe rendas invejaveis: vale-lhe a pena ser *Salvador*. Accusam-no d'isso, de mercantilisar com os magros *pence* da miseria rôta; mas isso mesmo concorre para avolumar o escandalo que é um dos

seus primeiros elementos de vida. Em Inglaterra, homem que não saiba arranjar-se é homem ao mar.

O grotesto *exercito de salvação* visionado na sua ideia fundamental é um dos muitos symptomas de expansão democratica e individualista e da reviviscencia espiritualista, que está vindo á flôr da sociedade em todo o mundo civilizado, como reacção salutar contra o frio materialismo.

B. Almeida.

MONUMENTO A PIO IX NA PENHA

Realisou-se em Guimarães um projecto que muito assignala e honra os distinctos habitantes da gloriosa cidade. Inaugurou-se alfim no mais alto viso da serra de Santa Catharina o monumento a Pio IX.

Fica bem alli, juncto da Virgem da Penha e em frente do monumento do Sameiro a estatua do Pontifice da Immaculada. D'ora em diante nos fastos de vetusta e nobre cidade contar-se-ha mais uma formosissima data—8 de setembro de 1893—dia da Natividade d'aquella em cuja fronte o Pontifice eminente depoz mais uma corôa fulgentissima; dia em Guimarães, chamando a si um dever nacional, inaugurou o monumento ao Papa que amou Portugal.

Honrosa iniciativa!

*

N'esse dia, Guimarães todo, n'uma franca jubilação, correu á Penha. O patriotismo dos vimaranenses nunca se desmente e a ideia que vinha á realisação era um magnificante melhoramento local. Em cerca de 15\$000 pessoas se avaliou a concorrência.

Enorme multidão!

Á hora convencionada a commissão do monumento dirigiu-se para o altar de Nossa Senhora de Lourdes onde o rev. Francisco Lima celebrou missa campal, seguindo após para o local do monumento. Então o digno presidente da commissão, e arcypreste de Guimarães, rev. Antonio Manuel de Mattos leu um formoso discurso relativo aos trabalhos da commissão.

A estatua estava velada pela bandeira pontificia e nacional; descerrou-a a convite do illustre presidente, o rev. Antonio Leite Saldanha de Castro. Foi então indiscriptivel o entusiasmo da multidão, que se desentranhou n'um prolongado applauso retumbante. Em seguida o rev. Gaspar da Costa Roriz pronunciou um eloquente discurso em que exaltou a grandeza moral do immortal Pontifice Pio IX. Fimdo este, o rev. abbade de Tagilde leu o auto de inauguração. Á noite via-se a cidade toda illuminada e bandas de musica percorriam as ruas.

*

Agora lá está, no alto de mais pittoresca serra do Minho, em attitude de abençoar a cidade que lhe demora aos pés, a formosa estatua do grande Pontifice. Ha de ser fecunda a sua benção para a cidade que lhe rendeu tão subida homenagem e ha de attrahir ao local em que as grandezas da natureza se cumulam com opulencia, as riquezas da arte, que o transformem n'uma estancia deleitosa.

São esses os nossos votos e as nossas esperanças.

Que uns e outras se realizem breve!

B. Almeida.

O CONVENTO DA COSTA

A um kilometro de Guimarães, a meia encosta da pittoresca serra de Santa Catharina, junto d'uma immensa e fe-

racissima cerca, levanta-se magestoso o celebre convento da Costa onde actualmente se acha installado o florescentissimo collegio de S. Damaso. As gloriosas tradicções d'esta casa remontam aos primordios da monarchia, devendo-se a sua fundação á regia munificencia de D. Mafalda, esposa de D. Affonso Henriques.

Possuiram-no os conegos regrantes de Santo Agostinho até 1528, anno em que por influencia de D. João III, foi n'elle instituida a Ordem de S. Jeronymo que se conservou, até que o nefasto decreto de 31 de maio de 1834 extinguiu as ordens religiosas em Portugal.

Fórma o grandioso edificio um vasto parallelogrammo, cujo lado oriental se prolonga n'uma extensão de mais de cem metros.

A fachada principal, voltada a poente, dá para Guimarães. E' elegante e bem lançada. Dão-lhe um certo cunho de nobreza e opulencia, as molduras de boa cantaria de que toda está revestida, a longa galeria de dez sacadas que correm d'uma extremidade a outra, as janellas adornadas de cimalthas, a primorosa cornija fazendo resahir o beiral, e o curioso frontão da entrada principal. D'alli descobre-se um panorama surprehendente: a vista espaça se deliciosamente por sobre uma extensão vastissima e variada.

A entrada está em proporção com o edificio que serve. Dá para um claustro. Este não destôa da magnificencia do todo: azulejado e lageado, teve outr'ora um fôrro apainelado de valiosissima talha, que as injurias do tempo inutilisaram. Vinte e quatro columnas jonicas supportam a arcaria em que assenta o entablamento, que serve de base ás portas e sacadas d'uma formosa varanda. E, para que este claustro fosse obra acabada, não se esqueceram os bons dos monges de lhe lançar ao centro um original chafariz, que despeja para uma artistica taça, a methor agua de Guimarães e suas cercanias.

No claustro rasgam-se várias portas guarnecidas de frontões, em cujos tympanos se destaca o brazão do mosteiro e disclicos meio-apagados. Uma d'ellas dá passagem para um atrio,

onde se nota uma desmedida concha de granito encimando um lavatorio, e para o salão de jantar.

E' encantador. Innundam-no de luz quatro grandes janellas. Ao fundo um quadro enorme representando o banquete em casa de Simão, e a Magdalena levando aos pés de Jesus os despojos mais queridos da sua vida mundana, e regando-lh'os com as lagrimas lustraes do arrependimento. Cinge este formoso refeitorio uma larga faixa d'azulejos, e encima-o uma cornija em cujo friso se vêem numerosos modilhões variadissimos. O tecto apainelado ostenta graciosos florões de talha nos pontos de intersecção das molduras.

No lado oriental do claustro abre-se uma espaçosa esca-da de duplos lanços, em frente de cujo primeiro patim ainda ha pouco se via um quadro a oleo sobre tela representando a fundadora do convento.

Subámos. Á entrada um vasto salão, que foi sala de capitulo: contiguos, á direita, occupando toda a extensão da fachada, os dormitorios, altos, bem illuminados, hygienicos. Em tempo dos monges eram cellas de noviços, bibliotheca e aposentos para hospedes.

No salão d'entrada principia um gigantesco corredor que pelos frades era chamado dormitorio novo. É devéras magestoso. Admira a altura d'aquella abobada apainelada! Surprehede a magnificencia d'aquella talha a desentranhar-se em caprichosos florões, a riqueza e profusão d'aquellas mizulas, e aquelle correctissimo entablemento rendilhado.

Consta de tres lanços de cerca de trinta metros cada um, divididos por corredores transversaes terminados em magnificas sacadas. O azulejo que o adorna é uma collecção inapreciavel, mas contrasta singularmente com o logar que ornamenta, pois 'nelle estão representadas muitas scenas da vida mundana. Veem-se ahi caçadas, regatas, danças, jogos, festas de deidades paganicas, etc: quadros do Velho e Novo Testamento e da historia ecclesiastica que chamem a alma piedosa do monge á vida do espirito e o afastem do vão mundanismo, nem um!

Ladeiam o bello corredor 30 espaçosas, cellas cujas

portas, um frade piedoso adornou de pequenos disticos biblicos talvez para oppor o antidoto da palavra de Deus ao veneno que se evola das suggestões sensuaes dos azulejos. D'entre elles como amostra, averbarei os seguintes:—*Time Deum—Recordare paupertatis—Tene disciplinam—Responde stulto—Ne contendas—Posside sapientiam—Dilige proximum—Custodi innocentiam—Veritatem eme—Vide acquitatem—Diverte a malo—Memorare novissima—*.

Na extremidade d'este incomparavel corredor fica uma soberba varanda alpendrada. O tecto em fórma de pyramide esteia-se sobre formosos pilares de granito. Ao centro levanta-se uma elegante chafariz, que jorra perennemente fartas bicas de excellente agua. E' muito poetico o panorama que d'alli se gosa: em frente, a Penha solenne e magestosa; em baixo Guimarães apinhada, aconchegada, com o velho castello a servir lhe de brasão heraldico; mais longe estradas entrecortando-se, veigas e outeiros alternando-se, e muito além no Sameiro, a estatua da Immaculada.

Terminando o edificio do collegio e na mesma linha da fachada principal, ostenta-se a egreja da Santa Maria da Costa.

É um bello templo. A frontaria, excessivamente ornamentada de molduras, desenhos, florões, nichos, etc., não tem um estylo definido e é bastante desgraciosa. Na base vêem-se, cada uma em seu nicho, as estatuas de dois evangelistas; e quasi no vertice, sob um primorosissimo docel, a estatua de Santa Marinha. Ladeiam essa custosa frontaria, duas esbeltas torres, notaveis pela perfeição de suas cupulas e pelas formosas columnas da ordem corinthia que supportam o ultimo entablamento.

É tambem digna de menção a escadaria que conduz á egreja, formando tres amplos pateos com suas balaustradas e pyramides de bom granito.

O interior harmonisa com a sumptuosidade do todo e está esmeradamente conservado. E' de uma só nave.

A capella-mor, com uma bem architectada abobada apainelada, com um altar de muito bom gosto, onde se venera

a imagem de S. Jeronimo, escultura muito notavel pela sua inexcédível perfeição, com os seus dois renques de cadeiras primorosamente modeladas, é, sem contestação, das mais bellas que temos visto.

No côro, de rica fabrica, existe um bom orgão.

A sacristia é magestosa. Ladeiam-na enormes gavetões de pau preto, sobre os quaes assentam quadros a oleo sobre madeira, representando varias passagens da vida de S. Jeronymo. Nos quatro angulos do tecto ha pinturas que representam a Prudencia, a Justiça a Fortaleza e a Temperança, e ao centro as armas do convento esculpturadas com desvelado primor.

Como se deixa ver d'este simples esboço de descripção, o convento da Costa é um sumptuoso monumento, e uma reliquia veneranda d'aquelles bons tempos, em que os cidadãos portuguezes tinham a liberdade de se congregarem em serviço de Deus e da Patria.

1890.

P.º Antonio Hermano.
